



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. António dos Reis — Redacção: Rua Marcos de Portugal, 8 A. — Leiria. Administração: Santuário de Fátima, Cova da Iria. Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 158 — Lisboa.

uma grande família todos os habitantes do lugar.

Há séculos que em certos dias da semana homens e rapazes piedosos em Maio e Outubro sobretudo cantam o terço pelas ruas.

O terço é uma devoção tradicional a terra portuguesa.

A voz de Nossa Senhora

É a própria Mãe do Céu que nos últimos tempos nos vem ensinar de novo a reza do terço.

Foi primeiro em Lourdes.

Foi principalmente na Fátima que a sua palavra se fez ouvir aos três pequeninos videntes pedindo que rezassem muito, muito para aplacar a Justiça Divina irritada por causa dos nossos pecados.

Ela mesma apareceu com o terço nas mãos como a recomendar-nos tão caritativamente tão linda devoção.

A Fátima tornou-se desde então o grande centro de irradiação espiritual da devoção do terço, ou do Rosário.

Ao apelo de Maria Santíssima surgem almas de apóstolos: sacerdotes e leigos que por toda a parte espalham, recomendam e intensificam a devoção do terço.

A nossa voz

A nossa voz vai levantar-se nestes dias do mês de Outubro para louvar a Mãe do Céu com os milhões de fiéis que em todo o mundo a invocam nestes tempos conturbados como a Rainha do Santíssimo Rosário e a Rainha da Paz.

Todos os dias do ano o fizemos de certo, mas neste mês redobre a nossa devoção, piedade e amor a tão boa Mãe. Refina-se a família para a reza do terço mas se não é possível rezemo-lo em particular.

Mas não nos contentemos com a invocarmos nós.

É pouco. Não socegue o nosso coração enquanto A não soubermos invocada por todos os nossos irmãos, por todos os católicos.

Convidemos os outros à reza diária do terço. Façamo-nos ardentes propagandistas da devoção ensinada pela própria Mãe de Deus.

A peregrinação de Setembro, 13

Como já se esperava, pois assim sucedia nos anos anteriores, a peregrinação de Setembro ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, intercalada entre a diocesana de Leiria em Agosto e a nacional de Outubro, não foi muito concorrida, embora o número deromeiros se elevasse a alguns milhares. Mas o que esta manifestação de piedade em honra da Mãe de Deus perdeu em grandiosidade e imponência ganhou-o com vantagem em disciplina, recolhimento e fervor, no conjunto dos actos oficiais que se realizaram.

A procissão das velas efectuou-se na melhor ordem, pouco depois das 23 horas do dia 12, tendo os peregrinos chegado a encher por completo, posto que mo-

rico Martins Lourenço, pároco da freguesia de Aldeia do Mato, na diocese de Portalegre.

A Missa de Comunhão geral foi rezada pelo rev.º P.º António de Campos, vice-Reitor do Seminário de Almada. Comungaram cerca de quatro mil pessoas. Celebrou a Missa dos doentes, ao meio-dia oficial, o rev.º P.º Higinio Lopes Duarte, pároco da freguesia da Marinha Grande. Esta Missa foi cantada, em cumprimento dum voto, a pedido da sr.ª D. Maria do Espírito Santo Fernandes, de Bragança, que tinha ido à Fátima agradecer a Nossa Senhora uma grande graça recebida.

Foi o celebrante que deu a bênção eucarística a cada um dos doentes, em número de 118, e a

a sua alocução recomendando a consagração à Santíssima Virgem e a entronização da sua Imagem em cada lar.

Além de diversas peregrinações, entre as quais a de Ossela (Oliveira de Azemeis), viam-se formando largas manchas coloridas na multidão dos fiéis o «Colégio de Nossa Senhora do Rosário», da Figueira da Foz, o «Preventório da Parede», da A. N. T., 22 meninas com a rev.ª Madre Superiora e outra Religiosa, e a «Creche de Nossa Senhora dos Inocentes», de Santarém, num total de 36 alunas, que eram acompanhadas por algumas professoras (Servas de Nossa Senhora de Fátima) e empregadas.

O Mês

do

Rosário

A voz da Igreja

De longa data mas sobretudo após a Encíclica *Octobri Mense* de Sua Santidade o Papa Leão XIII acerca da devoção do Rosário, o mês de Outubro foi em todo o Mundo, consagrado à devoção do Rosário.

Leão XIII ordenou preces especiais e concedeu novas indulgências a quem recitar todos os dias ao menos o terço do Rosário em honra de Nossa Senhora.

Ao terço quiz o Papa que se juntasse a oração a São José que é obrigatória em todas as igrejas paroquiais.

Pio XII concedeu uma indulgência plenária a quem recitar o terço diante do SS.º Sacramento.

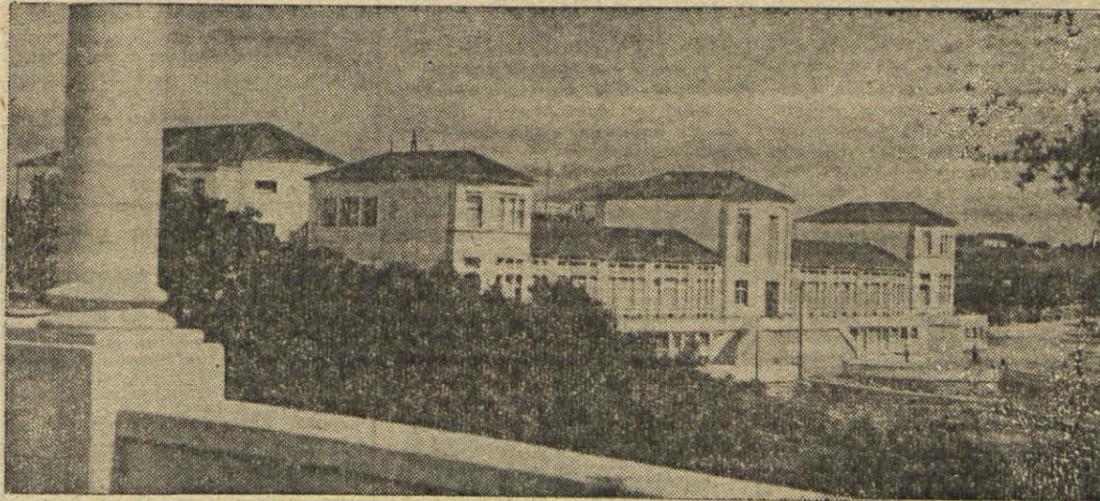
A voz do povo

A nossa terra deu exemplo ao Mundo na devoção do Rosário. Milhões de católicos rezam o Terço diariamente. Há milhares e milhares de famílias que tomaram o compromisso solene de o rezarem em cântico, em comum.

Lugares inteiros havia onde nem uma só família deixava de o rezar assim todos os dias do ano.

Noutras rezava-se de casa para casa: o lugar transformava-se num grande oratório.

Noutros ainda, a capela ou a simples casa de oração reuniam como



FÁTIMA — Um lindo aspecto do Albergue dos Doentes visto do portão de entrada no recinto.

mentâneamente, as duas longas avenidas do percurso habitual.

Para o brilho de que se revestiu o tocante cortejo nocturno contribuiu bastante a serenidade do tempo verdadeiramente primaveril.

À meia-noite começou a adoração do Santíssimo Sacramento solenemente exposto, durante a qual prêgou o rev.º dr. Galamba de Oliveira comentando os mistérios dolorosos do Rosário.

Deu a bênção e fez a reposição do Santíssimo o rev.º P.º Amé-

todo o povo. No fim da Missa prêgou o rev.º dr. Galamba de Oliveira, versando o tema — «Salvai-nos, Jesus, aliás pereceremos!».

O orador encareceu, como já fizera na véspera durante a adoração nocturna, as vantagens da Acção Católica, fundada e fomentada na Fátima, aos pés de Nossa Senhora. É por meio de Maria Santíssima — continuou o orador — que mais uma vez Portugal encontrará a salvação.

O rev.º dr. Galamba concluiu

Assistiu também a todos os actos oficiais o rev.º Cônego João Nunes Ferreira, da Sé Patriarcal de Lisboa, a quem a grande obra de Nossa Senhora da Fátima deve desde o seu início muito zelo e dedicação e os mais relevantes serviços.

A cerimónia do «Adeus» e a recitação da fórmula de consagração a Nossa Senhora encerraram, como de costume, as comemorações religiosas do dia 13.

Visconde de Montelo

Rainha da Paz, rogai por nós

A peregrinação de outubro deste ano deve ser um apelo fervoroso dos peregrinos que vão ao Santuário, dos Cruzados da Pia União, dos devotos, de todos os portugueses a Nossa Senhora da Fátima pedindo a Paz para todo o mundo martirizado pela mais horrível guerra.

Demos glória a Deus, sejamos cristãos de palavras e sobretudo de obras para o Senhor se apiedar de nós e ser concedida a Paz aos homens.

Portugueses:

Seja esta a intenção de todos unidos numa só alma e num só coração aos Pés da Virgem Santíssima.

Rainha do Sacratíssimo Rosário, rogai por nós.

A caminho dos cem

Aquela humilde velhinha que, na peregrinação de Julho último foi a pé de Santarém à Fátima e de joelhos desde a entrada do Santuário até à Capela das Aparições, deu que pensar a muita gente e não havia remédio senão tirar um pouco da sombra o seu encanilhado mas insinuante vulto: empunha-se entrevistá-la.

Lá fomos até à travessa de S. Braz, uma das mais antigas ruas da histórica cidade, e logo a topámos respirando o ar fresco da tarde, o que nos fez respirar também aliviado porque a sr.^a Umbelina de Jesus está bastante dura de ouvido e se adrega a ter a porta cerrada, e o neto com quem vive não estar em casa, temos um bom acto de paciência — e penitência — a fazer, enquanto lhe não chegar o vago rumor que já alarmou toda a vizinhança...

— Dizem que já vai nos 97 anos?...
— Nan senhor. Vou nos 96, mas, se quere que le diga já nem sei nem o dia nem o mês em que os faço...

E segue-se um declaração de identidade em forma.

É filha de Joaquina de Jesus, mas engeitada da Santa Casa da Misericórdia de Torres Novas. Casou com João de Sousa, trabalhador rural, falecido há 36 anos. Teve sete filhos dos quais já não existe senão um, José de Sousa, casado, pobre velho-te que nos bairros populares da capital arrasta uma tendinha que mal lhe dá para enganar a fome.

E, mesmo assim, de vez em quando, lhe manda umas lembranças de café, açúcar, etc. Aquêto neto é orfão de pai e mãe e sofre de tuberculose óssea. Há dois anos que vivem ambos de esmolas: o Governo Civil, pelo Fundo da Assistência, paga-lhes mensalmente os 10\$00 da renda da casa; os homens e os rapazes das duas Conferências de S. Vicente de Paulo, que há na cidade, e outras almas caridosas fazem o resto. Tempos antes esteve à morte e até o médico, dissera que fora da fomi-nha que passava.

— É certo que foi todo o caminho a pé daqui à Fátima?

— É já a terceira vez este ano: fui também em Maio e em Junho. Mas nunca delas as senhoras de cá, que lá me vivam, trouxeram-me de camionete. Nem têm conto as vezes que tenho ido à Senhora da Fátima, mas agora parece-me que foi a última... Já não tenho pernas para nada...

— Mas ainda vai à Missa todos os dias...

— Poderá não? E não fico nem um só dia sem rezar o terço! Peço pelos



O ECZEMA QUE NOS ENLOQUECE é sob a pele que se mata, porque é sob a pele e não a superfície que se encontram os germens que lhe dão origem.

O remédio Inglês D. D. D. não se contenta em aliviar o mal, elimina-o. Penetrando profundamente nos poros, atinge e mata os micróbios geradores do Eczema, Dartros, Herpes, Borbulhas, Comichões, etc.. Nenhuma afecção da pele resiste a algumas aplicações do remédio Inglês D. D. D.

Representante e Depositário:

Antonio Madureira

Rua Heróis de Chaves, 602 — Telef. 2141 — Pórtg

meus bemfeitores, pelas almas do Purgatório e por aqueles que não querem crer que há Deus.

— E acha-se bem aqui? A casinha é boa?...

— Ai, senhor, no inverno, com a chuva, às vezes é uma lástima! Já uma noite tive de dormir com um alguidar à cabeça!

— Mas o senhorio...

— Olhe... só le digo que le desejo tantos anos de vida como de palmas tem uma formiga!

E, quasi engasgada, fica-se a rir — um risinho tão bondoso e ingénio que desmente em absoluto qualquer intenção malévoa.

Viveu muitos anos na Carregueira (S. Silvestre) em casa duma mulher de nome Mariana à qual chamava mãe e da qual tem mais e melhores recordações que da sua própria mãe. Dela herdou uma casa que vendeu depois e umas coisitas. Quando lá estava, um domingo, disse que não iria à Missa e a resposta pronta da sua bemfeitora foi «que podia comer à vontade o que quizesse, mas que a alma andaria todo o dia em jejum». Apenas isto ouviu correu ligeira adiante dela para a igreja...

— Não que a gente vai à Missa mais para beneficio da alma que do corpo...

— Tem sido sempre rija, não é assim?

— Nan senhor! Já duma vez apañhei reumático quando andava no campo... Que eu trabalhei sempre enquanto pude, na cava, na sacha, na monda, em toda a casta de serviços... Pois estive mesmo em tratamento nas águas de Caldas! E, doutra vez, andei quasi ceguinha de todo. Mas fui à Fátima, puz-me a banhar a vista com a água de Nossa Senhora e, de cada vez que a banhava, ficava a ver melhor até que, à partida, me achei a ver completamente bem.

— Há muito que está cá em Santarém?

— Eu le digo: só sei que vim para aqui do Pêso, onde me empreguei como guarda da linha do comboio, e para não morrer de fome... Imagino... ganhava só meio tostão por dia...

(Continua na 4.^a página)



Estava entretido e já joga o tenis

Aqui está a história de um rapaz que tinha perdido a esperança de voltar a fazer esporte com os seus amigos. Há cerca de dois anos, foi atacado de reumatismo nos pés e pernas; durante 12 meses só pôde andar apoiado a uma bengala. Um dos seus companheiros de jogos aconselhou-o a experimentar os Sais Kruschen e, depois de os ter tomado, com regularidade durante poucos meses, verificou que as dores e inchaço dos pés lhe desapareciam gradualmente. Em seis meses conseguiu voltar a dar grandes passeios e, hoje, já começa a poder jogar o tenis.

A maior parte das vezes o reumatismo, as dores e o inchaço são consequências da acumulação de ácido úrico no organismo. Kruschen dissolve, rapidamente, os cristais pontegados do referido ácido, causadores de todos os incomodos. Depois, se continuar a tomar a pequena dose diária de Kruschen, todo o seu interior será regularizado e libertado de matérias fecais e de venenos, como o ácido úrico, que não voltarão a acumular-se.

Sais Kruschen

Vende-se em todas as farmácias.

Palavras mansas

Recordando

O cardinal Guibert sucedeu no arcebispado de Paris a Mgr. Darboy, fusilado pela Comuna, pouco depois do seu regresso do concílio do Vaticano.

Os alemães vitoriosos, seguidamente à capitulação de Sedan, impunham, como aliás era de esperar, duras condições de paz.

Pois bem; enquanto Thiers negociava com eles, para conter a invasão e libertar o território, em Paris, os sem pátria, sublevados, incendiavam os monumentos e condenavam à morte, sumariamente, os que pela sua fé e pela sua posição se tornavam suspeitos de não pensar como eles. Filhos e herdeiros da revolução eram cegos e cruéis, mas incontestavelmente lógicos.

A ideologia da Convenção só podia frutificar novamente num febril ambiente de terror. A história repete-se, porque as ideias governam por igual, neste ou naquele momento, homens que nas paixões e nos interesses são os mesmos...

Ao tempo não deviam gravitar ambições mais ou menos discretas, em torno da sé de Paris. Em menos de um quarto de século, três arcebispos acabaram ai trágicamente os seus dias.

Mgr. Affre caiu, ferido de morte, numa das barricadas da revolução de 1848, quando ia, de braços abertos e com as mãos cheias de bênçãos, oferecer a paz de Cristo aos dois bandos em guerra. Alta e magoada figura de Bispo, de bom pastor que dá a vida pelas almas confiadas ao seu amor e à sua solicitude... Mgr. Sibour foi assassinado. Mgr. Darboy, como já dissemos, foi fusilado pelos comunistas.

Paris, cidade da luz e do sangue, radiosa tribuna da verdade e feudo ominoso do erro...

Mgr. Guibert aceitou o arcebispado de Paris, inteiramente nas mãos de Deus, disposto a tudo. Imolação e exemplo, o próprio martírio não se-

Uma professora vítima de úlceras no estômago

18 longos anos de dieta

Devido à fraqueza do seu estômago, uma pobre professora teve de se sujeitar a 18 longos anos de apertada dieta, mas restabeleceu-se de uma maneira assombrosa.

Sofria tanto do estômago que se lhe formaram úlceras, produzindo-lhe hemorragias. Durante seis semanas esteve entre a vida e a morte. Apenas se podia alimentar de peixe e arroz cozidos, sem qualquer tempero. Há cerca de cinco anos tentou comer uma verdadeira refeição, mas esta tentativa custou-lhe três meses de cama. Um dia deliberou principiar a tomar Pastilhas Rennie. Verificou que as dores lhe iam desaparecendo e que já não voltavam, começou a variar de alimentação e já consegue, sem que lhe faça mal, comer peru, «roastbeef» e queijo. Um verdadeiro milagre!

As Pastilhas Digestivas Rennie actuam de três maneiras diferentes: contêm anti-ácidos, que neutralizam a acidez; absorventes, que reduzem os gases; e fermentos, que activam e auxiliam as digestões. Rennie dissolve-se na boca. Os seus componentes entram em actividade imediatamente, pois chegam ao estômago com toda a sua força, que não é diminuída pela água. As Pastilhas Rennie vendem-se em todas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100.

Estampas

Para a consagração das famílias a Nossa Senhora da Fátima em cartolina

pequenas, cada 2\$50
grandes, cada 5\$00

Enviar o dinheiro em vale do correio ou valor declarado ou então pedi-las à cobrança e indicar a direcção com muita clareza.

Todos os membros da Acção Católica devem adquirir o

Manual do Peregrino da Fátima

Preço 4\$00

Pedidos ao Santuário — Fátima

O Mês do Rosário é o mais próprio para a consagração das Famílias a

Nossa Senhora da Fátima

Há seis meses que começou e lavra por esse Portugal fora uma propaganda intensa para que se consagrem a Nossa Senhora da Fátima as famílias cristãs da nossa terra. É uma dívida de gratidão.

Milhares de famílias se consagraram já. Outras pensam fazê-lo dentro em breve.

É preciso que neste mês de Outubro se consagrem as que o não fizeram ainda. Não se compreende que demorem mais. Outubro é o mês do Rosário, é o mês da última aparição de Nossa Senhora na Cova da Iria e em que uma grande multidão volta a visitar o seu Santuário.

Este ano é preciso que cada casa, cada família se transforme num verdadeiro santuário. Assim provaremos ter uma devoção sincera a Nossa Senhora. A melhor maneira de o conseguir é fazer que todas as famílias se consagrem a Nossa Senhora da Fátima.

Para isso adquiram pagelas e estampas próprias editadas pelo Santuário.

Pedidos à GRAFICA

RUA ALMEIDA GARRETT N.º 1

LEIRIA

ria para ele uma surpresa. Sabia perfeitamente onde estava e tudo o que devia à Igreja e à França, tão humilhada e dorida.

Douto e piedoso, enérgico e amável, com um profundo respeito pelos direitos de César, mas sem lhes sacrificar um só dos direitos de Deus. Em primeiro lugar, Deus — a vontade de Deus, a honra de Deus, o serviço de Deus, como fora sempre na velha França cristã. A fiscalização do poder civil na própria regra da fé, o chamado galicanismo, que até certo ponto, orientou a acção de Mgr. Darboy no concílio do Vaticano, lesava a Igreja e a França. A Comuna também procedia d'ele. Do mesmo passo que nega os direitos de Deus, diz Leão XIII, o Estado nega-se a si mesmo.

Luiz Noél, o escultor da serenidade, fez uma estátua de Mgr. Guibert, que se valoriza, como obra de arte, pela impressionante verdade e pela inspirativa beleza. O cardinal está de joelhos sobre o seu túmulo, de capa magna e tendo na mão a maquete da basilica do Sacré-Coeur, da qual foi um grande iniciador. Figura nítida, calma, magostosa e, ao mesmo tempo, piedosa, humilde e edificante... A estátua não fixa apenas uma atitude, um gesto, um episódio, neste ou naquele momento; é manifestamente uma síntese da vida, que, apesar da frieza do mármore, parece que ainda palpita e fala... Depois do bom combate o miserere... A capa magna, desdobrada com magostade e leveza, como que abriga paternalmente toda a França...

Esta obra inspirada, admirável de Luiz de Noél é hoje uma das preciosidades da basilica do voto nacional.

O cardinal nasceu para dizer a verdade aos grandes e aos pequenos.

Como o padre Félix, no púlpito de Notre-Dame, ele só sentia, ensinando, o réceio de não dizer a verdade. É preciso ser fiel aos dons de Deus. Além de missão e graças de estado, ele tinha a autoridade muito singular que lhe advinha do fim trágico de três dos seus antecessores, em pleno século das luzes. Entre a revolução de 1848 e a terceira república,

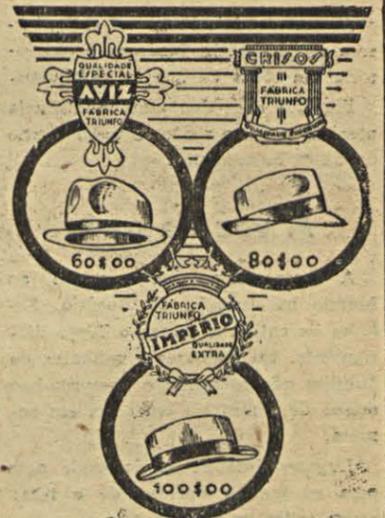
só o cardinal Morlot, arcebispo de Paris, não teve morte violenta.

Apostolicamente franco e sincero o cardinal Guibert era, ao mesmo tempo, tão avisado e prudente, que houve por bem interromper as conferências do Padre Didon sobre o divórcio, flagelo social prestes a desencadear-se, porque estava já em discussão no parlamento francês. Referviam tanto as paixões em volta da tribuna do célebre pregador dominicano, que incitá-las era quasi tão perigoso como procurar contê-las.

Com a franqueza límpida e desassombrada de sempre, o cardinal Guibert proferiu um dia, na presença do presidente Grevy estas palavras: «a terceira república ou é cristã ou deixa de ser república».

Quem me avisa, diz o provérbio, meu amigo é. Os Bispos fizeram a França, como confessa o protestante Guizot. Os Bispos disseram sempre à França a verdade religiosa e a verdade social...

Correia Pinto



3 MARCAS QUALIDADES PREÇOS

Não compre um chapéu qualquer! Procure saber o que compra.

FABRICA TRIUNFO J. JOÃO DA MADEIRA

A venda nas seguintes casas:

Lisboa — Camisaria Moderna — Rosio, 110; Camisaria Confiança — Rua Augusta, 284; J. Nunes Corrêa & C., Lda — Rua Augusta, 250; Chapelaria Confiança — R. da Misericórdia, 145; Grandes Armazens do Chiado; Grandela — Rua do Carmo-Rua do Ouro; Carnaval de Veneza — Rua Aurea, 167; Graçiano & Nobre, Lda — Rua de Belem, 63/67; Cruz & Cruz, Lda — Praça do Brasil, 12/12-O e no Pórtg e nas principais localidades do País.

Graças de Nossa Senhora da Fátima

NO CONTINENTE

D. Olívia dos Santos — Portimão, diz ter adoecido com uma dor grande numa das pernas, seguindo-se um abcesso; os médicos declaram que se tratava de uma tuberculose óssea de difícil cura. Na sua grande aflicção, aumentada ainda por se ver longe da sua terra e impossibilitada de poder ganhar a sua vida, pois era criada de servir, recorreu à «Saúde dos Enfermos», e foi atendida, declarando-se completamente curada.

D. Olívia Rosa de Jesus — Modivas, Vila do Conde, diz que tendo seu pai sido acometido dum ataque apoplético invocou fervorosamente Nossa Senhora da Fátima e foi atendida a sua prece, pois no dia seguinte já o enfermo se levantou e falava como dantes.

D. Maria Marcos — Mesquitela da Baía, vem agradecer a Nossa Senhora a cura do seu filho José Monteiro, de 11 anos de idade, que sofria duma doença de peito que os médicos tinham declarado incurável.

D. Maria da Conceição Reis Silva — Sameiro, agradece a Nossa Senhora uma graça que por sua intercessão alcançou.

D. Ana Beit Oliveira — Toledo, agradece a Nossa Senhora a cura duma sua sobrinha que estava gravemente enferma e ao fim duma novena feita em honra de Nossa Senhora da Fátima viu-se livre da febre.

Maria Madalena Costa Lemos, de 11 anos, de Bragado, sofria desde os dez meses duma terrível doença de olhos com a qual os médicos mal se entendiam, tendo os seus pais recorrido aos melhores especialistas. Alguns foram unânimes em declarar que se tratava duma úlcera nos olhos e que só aos 14 anos a menina poderia ser operada.

Era grande a consternação dos pais desta criança, e não tendo esperança já nos recursos da terra, a mãe da menina recorreu a Nossa Senhora da Fátima com grande fé; pede, e, cheia de esperança, faz votos.

Três dias são volvidos desde aquela aflitiva hora; a menina que já contava 5 anos, fica em delicioso e tranquilo sono, coisa jamais visto nesta criança; sua mãe afastou-se para dar umas ordens, e qual não foi o seu espanto e aflicção ao ver a sua filha vir ao seu encontro, corredor fora, tapando os olhinhos com a mão! A mãe corre, toma a menina nos braços e depressa a sua aflicção se transforma em alegria, pois a sua filha estava curada! Então cai de joelhos e agradece à Mãe do Céu o milagre.

Volvidos seis anos, mãe e filha foram a Fátima agradecer a Nossa Senhora e cumprir as suas promessas.

Francisco dos Reis Madeira — Sobral de Adiga, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça particular que por sua intercessão alcançou.

D. Maria da Silva Teixeira — Matosinhos, diz ter tido um seu irmão prestes a morrer com uma forte pneumonia que o impedia de respirar; vendo-o muito aflito implorou, junto com suas irmãs, em seu auxílio, a poderosa intercessão de Nossa Senhora da Fátima, prometendo fazer uma novena. O doente, até então aflitíssimo, principiou a sentir-se tão bem, que vindo pouco depois o médico o achou melhor.

D. Amélia Tonado — Belem, Lisboa, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça concedida num momento de grande aflicção.

D. Isabel Ferreira Lopes — S. Tiago de Cacém, escreve: «Estando doente uma minha amiga com uma inflamação no canal lacrimoso, e mandada pelo médico para Lisboa, pois era um caso bastante sério, nesse mesmo dia começou a lavar o olho doente com água do Santuário e a fazer a novena a Nossa Senhora. Passados três dias estava completamente bem, tanto assim que um líquido que se juntava

no canal doente, e cujo cheiro era insuportável, dito por ela, não mais apareceu. Ela nada mais fez do que pôr um pingo de água e fazer a novena a Nossa Senhora da Fátima».

D. Maria da Piedade Castro Estrêla — Vila do Conde, escreve: «Perto de três meses tive minha filha Laura de Castro Estrêla, às portas da morte com uma febre intestinal de tanta gravidade que os médicos que a tratavam não ocultaram aos estranhos que era desesperado o seu estado, chegando mesmo a afirmar que era um caso perdido, para o qual a medicina se julgava impotente.

Reconhecendo insuficientes todos os meios a que tinha recorrido, implorei a Nossa Senhora da Fátima para que ela, na sua grande misericórdia, restituísse à minha filha o que os médicos não sabiam ou não podiam — a saúde.

Nossa Senhora ouviu-me: Passado pouco tempo após as minhas sentidas preces, minha filha começou a melhorar e hoje está completamente restabelecida. Prometi, na ocasião do meu pedido a Nossa Senhora, que faria publicar esta grande graça que a Santíssima Mãe de Deus e Mãe dos portugueses me fez».

D. Maria Augusta da Gama Brandão — Negrelos, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça alcançada por sua intercessão.

José Ribeiro — Agursira, Ermelo, agradece a Nossa Senhora a cura do seu cunhado José Gomes do Horto que tinha uma ferida numa perna havia um ano.

D. Maria da Conceição Gonçalves Gálio — Fejão, escreve: «Em Setembro de 1935 esteve minha filha Maria da Fátima, de três anos de idade, muito mal, devido a uma picadela que deu no pé direito. Chegou a 40° de febre e queixava-se do olho do mesmo lado, não podendo abri-lo. Pediu ela que lhe lavasse a vista e o pé com água da Fátima o que eu fiz, prometendo mandar rezar uma missa no dia 13 de Outubro, confessar-me e comungar no mesmo dia e publicar a graça. No dia seguinte a minha filha estava sem febre».

NOS AÇORES

José da Rosa Gomes — Cedros, Faial, tendo recebido por intercessão de Nossa Senhora da Fátima uma graça importante, sem a qual teria de sugerir-se a uma melindrosa operação, vem cheio de reconhecimento agradecer tão insigne favor à sua inclita Bemfeitora.

D. Filomena da Glória — Ribeirinha, recorreu a Nossa Senhora numa aflicção alcançando a graça pedida. Reconhecida, aqui vem agradecer tal favor.

D. Maria Olinda — Ribeirinha, estando gravemente doente recorreu a Nossa Senhora e alcançou a saúde.

Manuel Inácio Goulart — Ribeirinha, obteve de Nossa Senhora várias graças que foram concedidas a seu filho Eduino, a seu filho José, a sua mulher, e a uma sua filha. Manifesta a sua gratidão por tantos favores.

D. Belmira Freitas e irmão — Faial, estando gravemente doente e tendo recorrido aos médicos sem que com isso sentissem alguns alívios, voltaram-se para N. Senhora e logo começaram a sentir-se melhor.

D. Maria da Glória Freitas — Faial, mostra-se reconhecida a N. S. da Fátima por lhe ter obtido o despacho de 2 graças importantes que vinha pedindo.

D. Maria da Glória Dutra — Faial, tendo sido submetida a duas operações muito melindrosas e nas quais foi muito feliz, atribui tal graça a N. S. da Fátima, a quem se recomendou, e vem manifestar o seu reconhecimento.

D. Maria Sousa — Angra, sofrera da vista durante algum tempo. Diz ter melhorado devido à protecção de N. S. da Fátima e deseja agradecer aqui a graça da sua cura.

NO BRASIL

A Senhora **D. Maria Andrade Simões do Pará,** escreveu ao Senhor Bispo de Leiria a seguinte carta:

Residente com meu marido e filhos na cidade do Pará Brasil, tive a infelicidade de ver meu marido adoecer gravemente deitando escarros de sangue. A doença manifestou-se no dia 13 de Maio de 1935, dia da Virgem da Fátima. Indo meu marido a dois médicos especialistas e sendo examinado no raio X, foi feito o seguinte diagnóstico: tuberculose pulmonar bilateral fibrose.

Aflita em ver meu marido com uma doença tão perigosa, recorri à Virgem da Fátima, pois só Ela me poderia valer, em tamanha aflicção.

Graças à Virgem, desde o momento em que lhe fiz a minha petição, foram-se acentuando as melhoras em meu marido a tal ponto que pensando ele quando se manifestou a doença 56 quilos passados 5 meses pesava 68 quilos. Aos 10 meses da doença foi novamente, meu marido, ao raio X, sendo diagnosticado o pulmão em estado normal e fazendo exame de escarro, foi negativo. Hoje graças à Virgem, passados que são já 4 anos, meu marido sente-se bem disposto podendo trabalhar para sustentar sua família. Verdaderamente reconhecidos à SS.ª Virgem pela graça que recebemos, vimos eu, meu marido e meus filhos, render-lhe o mais sincero preito de gratidão.

Pará, 13 de Maio de 1939.

Maria Andrade Simões, Av. S. Jerônimo, 1087 — Pará — Brasil.

NA AFRICA OCIDENTAL

António Joaquim dos Santos Salvador — Cabinda, Congo Português, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima o bom resultado conseguido nas pesquisas feitas para reaver um roubo que lhe fora feito durante uma noite por alguém que lhe assaltou a casa.

O Rev. P.º Cândido de Sousa Mala, missionário em Angola, encontrando-se em tratamento no hospital de Luanda e na contingência de ser obrigado a uma melindrosa operação, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, não tendo sido necessária a intervenção cirúrgica, pelo que vem dar graças à Virgem Santíssima e publicar o favor recebido.

NA CHINA

Uma carta em Inglês, enviada por **H. R. Mascarenhas — Tientsim, China,** diz, em resumo, o seguinte: — «Ficarlhe-ei muito grato se publicar o seguinte: — Meu filho adoeceu gravemente logo depois da morte de sua mãe. Os médicos, depois de o terem examinado, levaram-no ao Hospital, porque não lhes era possível em casa fazerem o diagnóstico do seu mal. Eu, acobruhado com a morte de minha esposa, não sabia já aonde recorrer. Uma noite, depois de regressar do Hospital, fiz a promessa de mandar uma carta para ser publicada na «Voz da Fátima», se se diagnosticasse a doença de meu filho e ele obtivesse a sua cura. Graças a Nossa Senhora, no dia seguinte tudo foi descoberto. Com os tratamentos abençoados por N. Senhora, as melhoras de meu filho aumentavam de dia para dia, até que recebeu alta do Hospital. Descuidei-me de cumprir a minha promessa pedindo a publicação destas graças. Hoje, que meu filho se encontra outra vez doente, talvez em castigo do meu descuido, eu venho agradecer a primeira cura, e acusar-me publicamente do meu descuido esperando que Deus Todo Poderoso, pela intercessão de N. S. da Fátima, me perdoará e dará mais uma vez ainda a saúde ao meu querido filho».

Ponha o seu dinheiro a render...

Ponha o seu dinheiro a render, mas veja bem onde o deposita.

Os bancos da terra são, em geral, muito perigosos.

Uma má administração, um roubo, um incêndio, uma revolução podem levar o banco à falência e obrigá-lo a suspender os seus pagamentos.

A guerra pode, dum momento para o outro, roubar todo o valor ao seu dinheiro. Ainda há pouco vimos como muitos refugiados franceses com milhões de francos nas algibeiras, queriam comer e não tinham quem lhes quisesse vender, em troca desse dinheiro.

O próprio ouro corre sérios riscos com a guerra. Segundo por aí se diz, Hitler já afirmou que, se vencer, o ouro perderá todo o seu valor de metal precioso, para ser substituído pelo ferro.

Não se preocupe, pois, demasiadamente em acumular riquezas nos bancos da terra. Ouça o que diz o Divino Mestre:

«Arranjai antes tesouros no Céu, onde não os consome a ferrugem nem a traça, e onde os ladrões não os desenterram nem roubam» (Mat. 6, 20).

E quem quer saber como se arranjam tesouros no Céu? — Muito simples e facilmente: — vá depositando, todos os meses DOIS TOSTÕES NOS CRUZADOS DE FÁTIMA, (o banco do Céu).

Os bancos da terra são só para os ricos. OS CRUZADOS DE FÁTIMA são também e sobretudo para os pobres. Dois tostões por mês, quem os não pode dar?

Os bancos da terra pagam o juro a três ou quatro por cento. OS CRUZADOS DE FÁTIMA pagam a cem e mais por cento.

Senão veja:

Dando dois tostões por mês, para os CRUZADOS DE FÁTIMA para as despesas do Apostolado da Igreja — a Acção Católica — terá de Deus a recompensa por Ele prometida e devida a quem dá uma esmola e participará no enormíssimo caudal de graças a que lhe dão direito as muitas orações e missas que diariamente se celebram pelos membros da Associação.

E, a propósito, quer saber quantas missas já foram celebradas pelas intenções dos Cruzados?

Fixe este número de si bem eloquente: 40.000 (QUARENTA MIL)!

40 MIL MISSAS, NO CURTO ESPAÇO DE SEIS ANOS!!!

Sendo assim, porque espera?

Não hesite, não perca mais tempo! Inscreva-se já nos CRUZADOS DE FÁTIMA.

ca de 50 doentes por entre as preces da grande multidão de peregrinos. A festa tornou-se ainda mais impressionante por causa dos admiráveis cânticos das irmãs do convento de «Leiden Christi».

Com o cântico, em cântico de «Grande Deus, nós te louvamos» acabou o edificante congresso que, esperamos em Deus, se repetirá mais vezes e produzirá abundantes frutos.

VOZ DA FATIMA DESPESAS

Transporte	2.260.110\$69
Franq., emb. Transp. do n.º 216	5.278\$39
Papel, comp. e impressão do n.º 216	23.385\$85
Da administração	140\$00
Total	2.288.914\$93

Donativos desde 15\$00

D. Aurora Vaz Clemente Marques da Cruz, Almeirim, 100\$00; D. Maria Rosa de Freitas, Sanatório do Outão, 31\$80; D. Rosalina da Silva Canhola, Murtosa, 15\$00; D. Maria da Conceição Marques Rodrigues, Murtosa, 20\$00; Arnaldo Ribeiro Baptista, Évora, 45\$00; José Fernandes Barros Teixeira, Açores, 20\$00; Superiora das Irmãs de S. José de Cluny, Cabinda, 135\$00; D. Júlia Leal Silva, Açores, 20\$00; D. Miquelina de Jesus Rodrigues, Açores, 24\$00; D. Ana Carreira da Silva, Amieira, 24\$00; D. Maria da Purificação Ilheu Rodrigues, Beja, 20\$00; D. Jesuina da Trindade, Açores, 20\$00; D. Maria Silveira, Hanford King-Calif., 48\$00; D. Ana Joaquina S. Carvalho, Alandroal, 35\$00; D. Helena Carneiro dos Santos, V.ª N.ª de Oliveira, 15\$00; D. Joana Costa Branco, V.ª N.ª de Oliveira, 15\$00; D. Maria Luísa Fonseca, 15\$00; D. Henriqueta Correia Monteiro, Porto, 25\$00; D. Carolina Rosa, Brasil, 18\$00; D. Maria Ermelinda das Dores, Lourinhã, 20\$; Mannel Maria Maia, Pero Pinheiro, 20\$00.

Fátima no Estrangeiro NA SUÍSSA

O Congresso do Preciosíssimo Sangue em união com uma festa a N.ª Senhora da Fátima, teve, no domingo do Espírito Santo, uma extraordinária concorrência. A região de Appenzell estava muito bem representada, mas não o estava menos a cidade de S. Gall e o Fürstentland.

O mais impressionante da festa foi a conclusão da novena em honra de N.ª Senhora da Fátima.

Depois do SS.º Sacramento ter sido conduzido processionalmente e colocado sobre um altar lindamente ornamentado no jardim, ao lado do convento, onde os peregrinos se tinham reunido, subiu ao púlpito o director espiritual do convento de «Leiden Christi». O orador demonstrou que a aparição de N.ª Senhora da Fátima, em Portugal, num país agitado por constantes revoluções, trouxe consigo não só a rápida transformação da vida financeira e económica mas também o renascimento do espírito cristão e religioso em todas as classes sociais.

Uma tal renovação podemos esperá-la também para a nossa pátria, mas isso só acontecerá quando os católicos suíços se entregarem à oração e à penitência segundo as recomendações feitas recentemente pelo Bispo D. José Meile na sua pastoral aos fiéis de S. Gall e de Appenzell.

N.ª Senhora da Fátima está sempre pronta a vir em nosso auxílio e a conseguir, por meio da sua poderosa intercessão, a felicidade da nossa pátria e uma paz duradoura para toda a Europa, mas para isso devem os católicos entregar-se à reza do Terço com uma confiança inabalável.

Estas palavras do orador proferidas com unção e confiança, penetraram profundamente no coração dos ouvintes. Oxalá que provenham de lá frutos abundantes.

A bênção do SS.º foi dada a cer-

Crónica

Financeira

Este ano foi mau para os ceareiros e para todos aquêles que vivem da cultura do trigo, mas não se pode dizer que tenha sido mau para toda a gente. Houve um sinal que não enganava: a concorrência às terras e às praias. Aqui em volta de Coimbra estava tudo à cunha. A Curia estava cheia; o Luso gbarrotava; a Figueira da Foz estava à cunha. E não se julgue que eram os estrangeiros que faziam número, porque estes constituíam percentagem infima.

Também não pode explicar-se tão grande afluência pela impossibilidade em que a guerra pôs a nossa gente rica de ir veranejar para o estrangeiro. E a prova faz-se de duas maneiras. Indirectamente, com o argumento seguro de que em Portugal a gente rica que veraneia no estrangeiro, é em pequeno número, insufficiente para encher as nossas praias e terras. Directamente, verificando que a grande maioria de aquistos e banhistas, era este ano como nos demais, formada por gente da classe média.

A explicação plausível d'este desusado movimento deve pedir-se às circunstâncias especiais do momento presente, isto é, a guerra que já aumentou sensivelmente entre nós o volume dos negócios.

Os primeiros a verem o seu movimento aumentado foram os industriais com as encomendas feitas directamente pelos países beligerantes de artigos utilizados em campanha. As indústrias manufactureiras e as extractivas foram as primeiras a ser beneficiadas. As manufacturas de lã e algodão, os minérios, as conservas, logo viram alargados em escala notável os seus mercados.

O movimento iniciado nas indústrias não podia deixar de se transmitir ao comércio que é o colector através do qual as indústrias escoam os seus produtos. Mai se compreende um acréscimo de movimento na produção que não seja acompanhado em escala proporcional por um aumento do movimento comercial.

A agricultura é que a melhoria chegou mais tarde, onde chegou, porque há produtos que ainda nada beneficiaram ou muito pouco. Não obstante os géneros agrícolas já se vendem um pouco melhor do que antes da guerra, e a sua procura crescerá cada vez mais quer a guerra acabe já, quer continue ainda por muitos anos. O lavrador também vai ganhar dinheiro e descompenhar-se, se tiver

passada foram raros os lavradores que não perderam a cabeça, julgando que as **vacas gordas** nunca mais acabavam e esquecendo-se do que é preciso **guardar da risa para a chora**. Lavrador houve que não só empatou em obras e compras tudo quanto ganhou no tempo dos bons negócios, como ainda pediu emprestado e ficou devendo. Os que assim procederam não resistiram à crise. Tiveram de vender tudo quanto tinham e grande número nem assim conseguiu pagar a todos os credores.

Outros limitaram-se a empatar todos os ganhos, esquecendo um princípio de boa e sã economia que nenhum lavrador deve esquecer e que é: **toda a casa, seja de negócio, seja de lavoura, precisa duma reserva de dinheiro em caixa ou em boa mão, para cobrir as diferenças dos anos maus.** Os que não criaram esta reserva tiveram de se empenhar durante os seis ou sete anos de más vendas que se seguiram à crise de 1929, e estão hoje equilibrando a sua vida com dificuldade porque a lavoura não agüenta juros.

Só aquêles que guardaram da risa para a chora, conseguiram agüentar-se durante a borrasca, livres de aflições e de vergonhas. Praza a Deus que a lição tenha aproveitado a todos os lavradores portugueses.

Pacheco d'Amorim

Este número foi visado pela Censura

FALA UM MÉDICO

LII

O CONTÁGIO

Foi sempre do conhecimento dos homens que certas doenças se pegam. Mes só depois das descobertas de Pasteur, em meado do século XIX, se ficou sabendo que tais doenças são produzidas por seres vivos infinitamente pequenos, que podem transmitir-se de pessoa a pessoa, quer directamente, quer por meio de certos veículos, como os insectos, a água, o ar contaminado, etc.

Nem tôdas as pessoas estão igualmente sujeitas a apanhar uma doença contagiosa.

Para que um campo produza boa novidade, é preciso ser bem adubado e ser cultivado com boa semente.

Nas doenças contagiosas, dá-se a mesma coisa: há pessoas mais predispostas que outras a adoecer — umas têm maior receptividade e outras mais resistência às infecções.

Há mesmo pessoas a quem as doenças contagiosas não se pegam. São imunes e essa feliz imunidade pode obter-se com o emprêgo de certas vacinas, como aquela que nos preserva das bexigas.

São muitas as doenças agudas que se transmitem de pessoa a pessoa. Nas escolas primárias é vulgaríssimo o contágio do sarampo, da coqueluche, do tesorelho. Quando aparece algum caso suspeito, deve deixar de ir à aula; e, se a doença se instala de maneira epidémica, é preciso fechar a escola.

Em casos de epidemia, são perigosos os ajuntamentos e chega a haver necessidade de proibir as feiras e as romarias.

Há pessoas que transmitem bacilos perigosos e por isso, não são muito higiênicos certos cumprimentos, como o apêto de mão e sobretudo o beijo, que podem transmitir bacilos infectantes, assim como as moscas e a poeira.

Os micróbios não são sempre igualmente perigosos. Podem ter menor ou maior virulência. Se assim não fôsse, difícil se tornaria livrarmo-nos do contágio de certas terríveis doenças crônicas, tais como a tuberculose e a lepra.

Há casos, felizmente raros, em que os micróbios adquirem uma virulência trágica.

No princípio d'este século, deu-se no Hospital do Têrço, do Pôrto, uma epidemia de peste pneumónica tão virulenta que vitimou tôdas as pessoas que foram contagiadas, desde o saudável dr. Agostinho de Faria até às dedicadas irmãs hospitalleiras que estiveram em contacto com os doentes.

Se não conhecêssemos o mecanismo do contágio e a forma de nos defendermos d'ele, a pequena epidemia do Hospital do Têrço teria alastrado, dando origem a terrível mortandade, como a das pestes negras da Idade Média.

P. L.

OS RECURSOS DE PAULINA

As coisas tinham corrido mal quando Daniel, filho da baroneza de Cardais, levando a sua avante, tinha desposado a filha do seu ex-feitor e corriam ainda pior agora que, vendida a maior parte das propriedades, se instalara com a esposa em casa da mãe.

A baroneza de Cardais, que o trato social munira dum sorriso gentil e de expressões e termos afáveis e graciosos mas sem lhe modificar a segurança do coração, era dura para com a nora e a pobre Paulina, assustada com a sua imponência, sentia-se acanada, inútil, intrusa na própria casa e, como consequência lógica, mais desalrosa e desastrada na presença da sogra, ela que gozara na sua aldeia do prestígio duma pequena rainha.

Estava naquêles dias o almôço no fim e, como de costume, a escassez dos guisados tinha sido suprida pela abundância de **desaguados**. Para remate, a criada tã saloia, única compatível com a magra verba da casa destinada a salários, ao servir o café, encheu por tal forma a chávena da baroneza, que o pres ficou também chelo e a toalha salpicada.

— **Está claro!** exclamou logo a infeliz senhora. **Nunca conseguirei uma criada em termos enquanto cá em casa se lhe derem certos exemplos...**

Paulina nada disse mas Daniel, mal salu a rapariga, ergueu-se com insólita majestade o que impressionou a mãe.

— **Minha mãe,** disse. **Isto não é vida! Isto não pode continuar. Estou resolvido a trabalhar seja no que for para obter a independência do lar que fundei. Partirei imediatamente para o Pôrto. Vou pedir ao padrinho que me dê um lugar na fábrica — nem que seja de carregador! A tudo me sujeitarei e logo que possa venho buscar minha mulher.**

— **A que eu havia de chegar, meu Deus!** declamou trágicamente a baroneza. **Carregador, o meu filho! Eis a que levam estes casamentos desiguais!**

E levantou-se da mesa, lançando um olhar fulminante a Paulina que lhe não deu importância, tão surpreendida estava também com a atitude do marido e tão consternada pela perspectiva de se ver a sós com a sogra.

Passaram seis meses e só então es-

sa perspectiva ia tornar-se em realidade porque a baroneza, ainda antes da partida do filho, anunciara que ia passar uma temporada a Lisboa a casa de uns parentes, partiria no mesmo dia e pouco depois chegava a notícia de que tinha caído e fracturado um braço.

Agora, aguardando a sua chegada junto do portão, Paulina perguntava a si mesma o que iria suceder em face da iniciativa que ela tinha tomado na ausência da sogra.

Assim que se apanhara só com a criada — quinze anos rijos como o ferro — e mal enxugadas as lágrimas causadas pela ausência do marido, pusera-se a cogitar no modo de, pelo seu trabalho, contribuir para a instalação do seu lar numa casa que fôsse só sua e do seu querido Daniel.

Mas ao seu coração affectuoso, apesar do que ali tinha sofrido, repugnava o abandono da sogra, naquêles isolamentos da quintarola desmantelada, com poucos recursos e demais que voltaria convallescente, abatida, talvez com o braço inutilizado para sempre...

E depois?... trabalhar em quê?... que sabia ela fazer? Cozer para fora? Bordar?... E a sogra lá do alto das suas fidalgualas, que diria quando o soubesse?

De súbito tivera uma ideia. E os seus conhecimentos de lavoura, de hortas, jardins e capoeiras, não valiam nada?... E aquêles terrenos todo em volta da casa, ao **Deus dará**, não compensaria o trabalho e cuidados que lhe votassem?...

Não havia que hesitar, mas como também não havia fundos sequer para comprar sementes, plantas e os primeiros bicos de criação, Paulina resolveu ir empenhar o coração de ouro que várias vezes servira de motivo de contenda com a sogra que queria que ela o trocasse por uma jóia mais apropriada à sua actual posição e que jazia inútil no canto duma gaveta.

E os trabalhos começaram. Veio um homem para as cavas mais fundas, outro para arranjar capoeiras, coelheiras, uma pequena poelga e o abrigo para uma cabrinha, Justina, a criada, sachava, mondava e limpava. Paulina podava, enxertava, semeava, deltava a mão a todo o trabalho com perícia, gosto e actividade.

Uma buzina... lá vem a camioneta

Uma frase feliz

POR BERTA LEITE

Quando em 1934 se realizou a Exposição Colonial do Pôrto e vimos no Cortejo que então deslumbrou a Cidade Invicta a representação missionária, grande consólo veio ao nosso espirito.

E lembra-nos de haver então escrito que acabada a Exposição com o Cortejo, tínhamos a impressão de assistir aos festejos não como ao princípio dum fim, mas antes ao fim dum grande princípio: a justiça a fazer aquêles que merecem junto dos Descobridores o lugar de maior relêvo na Acção Colonizadora de Portugal. O feliz pressentimento não nos enganou.

Quando da Exposição do Parque Eduardo VII no Ano XI da Revolução Nacional a História das missões fez-se já com mais pormenores.

Da realização feérica das Festas Centenárias que é a Exposição do Mundo Português voltamos com o coração satisfeito.

Num dos principais Pavilhões docemente iluminado por luminosa Cruz, lemos esta frase feliz:

Portugal foi sempre cristão.

Visitando o resto da Exposição encontramos abundantes realizações de grande alcance entre as quais uma Capelinha das Missões, cuja luz de sonho vem também da mais formosa Cruz iluminada que nos tem acarinhado a vista.

É necessário vê-la para com-

prender tôda a sua poesia delicada e humilde.

Outros actos de justiça foram ainda feitos à Fé dos Portugueses.

Outras obras notáveis povoam o recinto da grande Comemoração Centenária, majestosas, artísticas, de real beleza arquitectónica de encantamento, de talento, de génio e de bom gosto... Reconstruições maravilhosas, alegorias superiores, quadros vivos.

O povo vê-se e revê-se como se acordasse ao fim de longo sono para a sua consciência de herói sublime, buscando e encontrando no passado tôda a explicação do presente e tôda a força para o futuro.

E a frase feliz como a Verdade suprema da superioridade portuguesa grava-se definitivamente no espirito de quantos a leram:

Portugal foi sempre cristão.

E repetimos baixinho:

Portugal é sempre cristão.

E esperamos também:

Portugal será sempre cristão, por graça da Virgem Maria que pede por nós!

A caminho dos cem...

(Continuação da 2ª página)

— *E agora... tem que lhe chegue?*

— *Como sabem que eu sou muito poupada, dão-me coisitas e tudo ajuda... Olhe, hoje, que é sábado, tenho de ir comprar fósforos, cal e petróleo. Não me custa comer seja o que for sem azeite, menos as sôpas de pão alvo. Isso é que não! O senhor experimente e verá! O mais... é um regalo!*

— *E dá-se bem com a vizinhança?*

— *Muito bem! Não tenho, graças a Deus, até hoje, escândolas de ninguém. O melhor que tenho tido em tôda a minha vida é ser estimada por tôda a gente. Há uma senhora de Lisboa que, sempre que cá vem, se lembra de mim.*

— *Vamos então a caminho dos cem?*

— *É verdade! Mas olhe que não tenho apêgo à vida! As vezes até peço a Deus que me não deixe lá chegar... Ora! já falta tão pouco...*

Volta a falar-se da Fátima e vem então um desfiar de coisas que diz ter ouvido contar às mãis dos videntes quando lá ia trabalhar na apanha da azeitona, no tempo em que na Cova da Iria esô havia mato e pedras — nem uma telha nem uma tábuca.

Que a Lúcia, quando a Senhora lhe disse quem era, perguntara:

— *«Então porque não leva a gente para o Céu?»*

E que a Senhora respondera:

— *«Mas tarde!»*

... ..

Despedimo-nos da nossa simpática entrevistada. Ali a deixámos, tranqüilla e feliz, contentando-se com o que lhe dão, esperando confiadamente esse mais tarde que, para ela, já não pode tardar muito. A. M.

absorvida pelos últimos retoques a dar na mesa do almôço. E este estava delicioso. Não havia má disposição que resistisse a um **menú** excelente e todo composto de produtos caseiros: a galinha, os ovos, os legumes e até uns queijinhos frescos de que a fidalga era muito apreciadora.

— **Minha filha,** disse ela à sobremesa com desusado affecto. **Visto que as coisas no Porto estão mal encaminhadas e aqui... sim... parece que não vão mal... porque não há-de o Daniel vir e... fazer-se lavrador?**

E para calar um resto de orgulho que se rebelava:

— **Ao menos trabalha naquilo que é seu!**

Mas já Paulina se levantava e abraçava efusivamente.

— **Obrigada, minha mãe, obrigada... Vamos escrever já, sim?**

E as pazes, entre sogra e nora, estavam feitas para sempre e a baroneza, que é agora uma avó extremosíssima, não se importa de dar também, de vez em quando, uma demão aos queijos ou a outros serviços domésticos. M. de F.